

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ACERCA DAS PEÇAS CIRCULARES DE PEDRA, COM FURAÇÃO CENTRAL BICÓNICA, ENCONTRADAS NO ENEOLÍTICO DE PORTUGAL.

CASTRO, L. de Albuquerque e; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1967 | Número: 77

Como citar este documento:

CASTRO, L. de Albuquerque e; FERREIRA, O. da Veiga, Acerca das peças circulares de pedra, com furação central bicónica, encontradas no Eneolítico de Portugal. *Revista de Guimarães*, 77 (1-2) Jan.-Jun. 1967, p. 103-108.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Acerca das peças circulares de pedra, com furação central bicónica, encon- tradas no Eneolítico de Portugal

Por L. DE ALBUQUERQUE E CASTRO

O. DA VEIGA FERREIRA.

I — Introdução

Desde há muito nos vêm chamando a atenção certas peças de pedra polida, normalmente feitas de rochas duras, de forma circular, espessas, com furo central bicónico, encontradas no Eneolítico português, que têm sido consideradas como grandes pesos circulares de tear, ou como pesos de rede. Estão na maior parte inéditas ou apenas lhe fizeram ligeiras referências.

Quando da nossa estadia em França, por ocasião dum estágio que ali fizemos, travámos conhecimento com a gentil arqueóloga Simone Arnette, que trabalha no Museu do Homem, e que havia estudado um disco circular com furação central considerado como «cassette» (1). Além disso, quer no Museu do Homem, quer no Museu de Périgueux, vimos peças semelhantes às encontradas em Portugal.

(1) Simone Arnette, «Un disque perforé néolithique», *Objets et Mondes*, T. III, fasc. 2, Paris, 1963.

Em virtude disto pensámos apresentar este pequeno estudo sobre as peças portuguesas que conhecemos, comparando-as com as de outros países.

II — Descrição das peças portuguesas

a) Disco ou anel da Gruta da Ponte da Laje (Oeiras)

Disco ou anel espesso, quase globular, de quartzito castanho-avermelhado, bem polido, com furação biconica e com vestígios de uso na periferia (percussão). Diâmetro, 66 mm; espessura, 46 mm; diâmetro do furo, 30 mm.

b) Metade de um disco de Alfundão — Ferreira do Alentejo

Metade de um disco ou anel espesso de dolerito polido com as mesmas características do descrito anteriormente. Diâmetro, 64 mm; espessura, 50 mm; diâmetro do furo, 25 mm.

c) Disco de S. Martinho, no Museu de Castelo Branco

Está completo, com a superfície um pouco rugosa. É mais espesso que os antecedentes aqui relatados. Diâmetro, 67 mm; espessura, 51 mm; diâmetro do furo, 26 mm. É de dolerito.

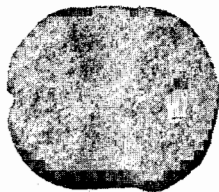
d) Disco do Casal do Pelão (Belas)

Disco de quartzito avermelhado com o começo da furação, de um e outro lado, por meio de picotagem ou percussão com instrumento de pedra. É um exemplar muito raro pois mostra o começo da furação dos «casse-têtes» e sua técnica de execução. Diâmetro, 70 a 75 mm; espessura, 35 mm; abertura do furo, 25mm⁽¹⁾.

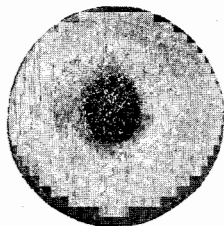
(¹) Com a excepção do disco de S. Martinho, todos os outros exemplares aqui mencionados pertencem à colecção dos Serviços Geológicos de Portugal.



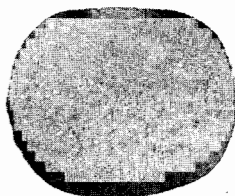
1



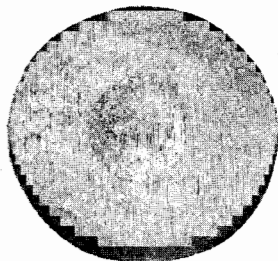
2



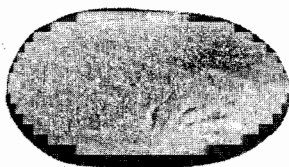
3



4



5



6

- 1 e 2 — «Casse-tête» de Alfundão — Ferreira do Alentejo.
 3 e 4 — «Casse-tête» da Gruta da Ponte da Laje (Oeiras).
 5 e 6 — «Casse-tête», com furo em princípio, do Casal do Pelão (Belas)

Todos o exemplares figurados pertencem à Colecção do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.

III—*Comparação e Cronologia*

Parece que os discos perfurados, com a periferia em bisel, seriam os mais antigos. São considerados como «casse-têtes» pela maior parte dos autores, depois de comparações etnográficas com outras peças da Nova Guiné (1) e com as representações egípcias. Seriam do Egipto as peças em disco mais antigas (2).

Parece que a sua origem estaria nos começos do Neolítico na Dinamarca, na Inglaterra (3), na França (4) aparecendo mais tarde na Península (5).

As peças do tipo das portuguesas seriam as descendentes dos discos de sílex ou de quartzo lascados, e têm também, como elemento comparativo, as peças da América do Sul e da Nova Bretanha (6).

É lícito aqui salientar que peças semelhantes já aparecem em estações do Capsence e indústrias derivadas com outros empregos (7). Citamos a Gruta de Tamar Hat (perto de Bugre) com indústria ibero-mauritânica;

(1) G. Hoeltker, «Einiges über Steinkeulen-Köpfe und Steinbeile in Neu Guinea». *Anthropos*, 1940.

(2) J. Capart, *Début de l'Art en Egypte* (citado por Dechelette e por Simone Arnette).

(3) J. Evans, *Les âges de la pierre*. Paris, 1878.

(4) L. R. Nougier, «La répartition géographique des casse-têtes discoïdes. *Bull. Soc. Préh. France*, Paris, 1949.

(5) Segundo informação da ilustre arqueóloga Dr.^a Vera Leisner, que muito agradecemos, têm aparecido peças semelhantes em diversas mamoaas da região de Fuentes de Garcia Rodriguez e na Serra Faladora, na Galiza. Estas peças, aí, já aparecem acompanhando o vaso campaniforme.

F. Macineira, *Bares, puerto hispánico de la primitiva navegación occidental*, p. 29, Est. I, Santiago de Compostela, 1947. O exemplar figurado neste trabalho é, nas dimensões, muito semelhante aos portugueses, apenas na forma vária, pois apresenta três sulcos verticais na periferia do objecto.

(6) Simone Arnette, *Op. cit.*

(7) Vidé bibliografia sobre o Capsence in *L'Anthropologie*, em especial os artigos de R. Vaufrey.

Gruta de Mouflon (Constantina); El Goléa; Gruta de Ued Kerma (Argel); sete das jazidas tunisianas e jazida capsense de Bir Kharfus; jazida capsense do abrigo sob-rocha de Sin Mularés; jazida de Lala (perto de Gafsa), etc.

O uso destes esferoides no Novo e Velho Mundo é muito frequente com vários usos; como pesos de instrumentos de madeira para cavar, como na Nova Guiné, nos Boschimanos, África do Sul e América do Norte, etc. Porém, no nosso caso, apenas nos interessa, o emprego destas peças esferoides maciças como «casse-têtes».

As medidas dos exemplares portugueses aproximam-se muito das de dois dos «casse-têtes» do Museu de Périgueux em França e das de um outro procedente de um dólmen da Finisterra⁽¹⁾.

Simone Arnette diz que: «plus tardivement ils sont en général polis, mais de forme plus globuleuse». Em todas estas peças o modo de perfuração é o mesmo: dois furos cónicos que se juntam a meio da espessura do disco ou anel globular.

Estes furos, segundo estudos feitos, começaram por uma picotagem (pedra com pedra); depois, a pouco e pouco, o furador-alargador ou *tarière* iria aprofundando o furo, de um e outro lado, até se encontrarem a meio da espessura da peça. É esta a razão do furo ser normalmente bicónico.

Acerca ainda de um dos discos da América do Sul, que tem muitas analogias com os de Portugal, diz Simone Arnette: «La plus petite pièce est plutôt un anneau qu'un disque, mais ce n'est pas un bracelet, la perforation centrale en étant trop étroite. C'est un casse-tête, léger, mais qui a pu servir comme tel, une fois emmanché et bien dirigé».

Esta opinião da ilustre arqueóloga francesa do Museu do Homem serve para reforçar a nossa ideia de que as

(1) A. de Mortillet, «Deuxième décade paléo-ethnologique du Département de l'Aude. Casse-têtes», *Matériaux*, XIII, p. 287, fig. 116, Paris, 1882.

peças do Eneolítico de Portugal seriam também «cassetêtes» e não pesos de rede, como até aqui os tínhamos considerado.

Das peças portuguesas que identificámos, uma pertence, sem dúvida, ao Eneolítico — Cultura do vaso campaniforme — pois na Gruta de Oeiras acompanhava a cerâmica daquele tipo.

As outras peças são infelizmente isoladas, mas, por comparação com a de Oeiras, devem pertencer também ao mesmo período.